

# Nas margens e nos sonhos

## Uma Escola Xavante na Aldeia Etenhiritipá

Maria de Lourdes Zuquim  
Elizabeth Othon de Souza\*



**Figura da página anterior (re-corte):** Terra Indígena Xakriabá, no município de São João das Missões, Norte de Minas Gerais. Fonte: A autoria de J. R. Ripper. (Imagem acrescentada pelos editores desta edição temática ao presente artigo)

**Resumo** Este texto é um relato do projeto de extensão “Espaços de brincar, de aprender e de ensinar: Uma Escola Xavante na Aldeia Etenhiritipá”. Apresenta o processo de desenvolvimento dos ensaios de projeto justaposto às vivências na Aldeia. Os caminhos percorridos nesta atividade foram traçados em estreita relação entre os indivíduos e lideranças da aldeia e o grupo de professores e alunos da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, em parceria com o Departamento de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Mato Grosso.

*Palavras-chave:* extensão universitária, escola infantil, Xavantes.

## En las bordas y en los sueños . Una escuela Xavante en la aldea de Etenhiritipá

**Resumen** Este texto es un relato del proyecto de extensión universitaria “Espacios de juego, aprendizaje y enseñanza: Un escuela Xavante en Aldeia Etenhiritipá”. Presenta el proceso de desarrollo de los ensayos de diseño yuxtapuesto a las vivencias en el pueblo. Los caminos tomados en esta actividad fueron trazados en estrecha relación entre los individuos y líderes del pueblo y el grupo de profesores y estudiantes de la Facultad de Arquitectura y Urbanismo de la Universidad de São Paulo, en alianza con el Departamento de Arquitectura y Urbanismo de la Universidad Federal de Mato Grosso.

*Palabras clave:* extensión universitaria, escuela infantil, Xavantes.

## Through the edges and the dreams . A Xavante School in Etenhiritipá village

**Abstract** This text is a report of the extension project “Spaces for playing, learning and teaching: A Xavante School in Aldeia Etenhiritipá”. It presents the development process of the design tests overlapped to the experiences in the village. The paths taken in this activity were traced in close relationship between the individuals and leaders of the village and the group of teachers and students of the Faculty of Architecture and Urbanism of the University of São Paulo, in partnership with the Department of Architecture and Urbanism of the Federal University of Mato Grosso.

*Keywords:* extension activities, children’s school, Xavantes.

*“Então agora vamos sonhar bastante, e amanhã conversamos”*

(Paulo Xavante, depoimento colhido em processo, 2018)

**E**ste relato é sobre sonhos sonhados e partilhados com os Xavantes da Aldeia Etenhiritipá, muito antes dos acontecimentos aqui narrados. Não é um sonho onírico que acontece quando dormimos, mas um sonho enquanto busca disciplinada de orientações, prática percebida em diversos povos e culturas, como disse Ailton Krenak:

*Para algumas pessoas, a ideia de sonhar é abdicar da realidade, é renunciar ao sentido prático da vida. Porém, também podemos encontrar quem não veria sentido na vida se não fosse informado por sonhos, nos quais pode buscar os cantos, a cura, a inspiração e mesmo a resolução de questões práticas que não consegue fazer fora do sonho, mas que ali estão abertas como possibilidades. (KRENAK, 2019, p. 52)*

Entre os povos que procuram nos sonhos orientação e aprendizado sobre a vida e sobre si mesmos, e os concebem como interação cotidiana com as pessoas e o mundo, encontram-se os Xavantes, povo de cultura Jê, autodenominados A'uwê Uptabi ou “Povo Verdadeiro”. Todos os dias, ao nascer e ao pôr do sol, o conselho tradicional se reúne em círculo no “Warã”,<sup>1</sup> para discutir os assuntos da aldeia e tomar decisões importantes para a coletividade. Na roda do nascer do sol são compartilhados os sonhos da noite que apoiam as decisões do dia que se inicia; na roda da noite, os membros do conselho compartilham os eventos do dia que passou e lançam as decisões do dia que virá.

Hoje são mais de 20 mil indivíduos Xavantes, em nove terras indígenas demarcadas e 165 aldeias, no leste e sudeste do estado de Mato Grosso, a maioria no vale do rio Araguaia. Dentre as 165 aldeias encontra-se a aldeia Etenhiritipá, localizada na região da Serra do Roncador e do Rio das Mortes. A aldeia Etenhiritipá é uma das 15 que compõem a Terra Indígena Pimentel Barbosa, a maior e mais bem preservada reserva Xavante do estado. Na aldeia Etenhiritipá atualmente vivem cerca de 600 indivíduos que lutam cotidianamente para preservar, permanecer em seu território e manter sua cultura tradicional.

\* Maria de Lourdes Zuquim é Arquiteta e Urbanista, Professora e Pesquisadora da Universidade de São Paulo (NAPPLAC FAU-USP), ORCID <<http://orcid.org/0000-0002-1975-1539>>. Elizabeth Othon de Souza é Arquiteta e Urbanista, Pesquisadora Junior da Universidade de São Paulo (NAPPLAC FAU-USP), ORCID <<http://orcid.org/0000-0002-6703-3398>>.

Em 2016, o cacique Jurandir Siridiwê, presidente da Associação Xavante Etenhiritipá (AXE) entrou em contato com o Núcleo de Apoio à Pesquisa: Produção e Linguagem do Ambiente Construído (NAPPLAC) da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAUUSP)<sup>2</sup>. Neste encontro Jurandir Siridiwê começou nos contando seu sonho de construir uma nova escola de ensino infantil e fundamental. Este sonho imediatamente trouxe perguntas: como a arquitetura e urbanismo podem dialogar com os problemas enfrentados na aldeia? Qual o tipo de escola eles queriam? Como caminhar juntos na procura de respostas? Um grande desafio se apresentou para todos.



**Figura 1:** (i) Jovens A’uwê Uptabi durante ritual (2018); (ii) Dança cerimonial Xavante (2016). Fonte: Acervo NAPPLAC.

Notas 1 e 2 da página anterior:

<sup>1</sup> Warã é a palavra que denomina o conselho tradicional e o espaço central da aldeia. O conselho é formado pelos adultos da Aldeia.

<sup>2</sup> Os depoimentos e imagens captadas ao longo deste projeto foram autorizadas para uso pela Associação Xavante Etenhiritipá (AXE), conforme termo de consentimento livre e esclarecido e termo de autorização de imagem depositados no Acervo do Napplac.

<sup>3</sup> Ao longo do projeto foi firmada parcerias com o Núcleo de Estudos e Pesquisas em Tecnologias Indígenas (Tecnoíndia) e Laboratório de Tecnologia e Conforto Ambiental (LATECA) da Universidade Federal do Mato Grosso UFMT e com a Pesquisadora colaboradora do IEA-USP Fernanda Viegas Reichardt.

<sup>4</sup> O projeto recebeu apoio financeiro da Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária – PRCEU/USP e FAU/USP através do edital de fomento a atividades acadêmicas da Diretoria. A UFMT, através da LATECA e Tecnoíndia, no apoio a realização da oficina de cerâmica armada.

Jurandir Siridiwê apresentou as alternativas que eles tinham, eram duas: a primeira, institucional, via melhorias pontuais no projeto padronizado da Secretaria de Estado de Educação de Mato Grosso (SEDUC-MT) e prefeituras de Canarana e Ribeirão Cascalheira; a segunda, desenvolver o projeto junto com universidades e Ongs<sup>3</sup> que atuam na região. A segunda, logo nos encantou. Firmamos parceria para dar início aos estudos e ensaios projetuais de uma escola infantil Xavante, sonhada por eles, compartilhada conosco. Nasceu assim o projeto de extensão “Espaços de Brincar, de Aprender e de Ensinar: Uma Escola Xavante”,<sup>4</sup> que envolveu professores, estudantes de pós-graduação e estudantes de graduação do curso de arquitetura e urbanismo.<sup>5</sup>

Trabalhamos entre os anos 2018 e 2019 em estreita relação com indivíduos da aldeia Etenhiritipá e suas lideranças, dialogando e trocando saberes para pensar uma escola específica para a Aldeia. Apoiados nos estudos do Projeto Político Pedagógico da Escola Samuel da EEIEB Samuel Sahutuwê, na literatura sobre o modo de vida e cultura material Xavante e nas vivências na aldeia, entramos no mundo A’uwê, para nós distante e desconhecido.

Paralelamente, estabelecemos parcerias com o Tecnoíndia/UFMT e LATECA/UFMT. A interlocução criada entre os grupos de pesquisa teve como primeiro resultado duas atividades na Escola de Arquitetura e Urbanismo da UFMT: (i) Seminário Diálogos IV – Intercâmbios culturais: Arquitetura e Culturas Construtivas; (ii) Oficina de canteiro experimental e cerâmica armada realizada pelo Laboratório de Culturas Construtivas em parceria com o LCC.

Trabalhar com um povo que vive no meio do Cerrado mato-grossense foi uma experiência sem precedentes e sem referências. Para alguns dos estudantes foi a primeira vez que viajaram de avião e ultrapassaram as bordas da metrópole paulistana. Saímos da maior cidade da América Latina, de dentro dos corredores de concreto da nossa escola, e atravessamos o país para pisar na terra batida do Cerrado e conhecer os Xavantes.

Nota 5 da página anterior:

5 Coordenação: Profª Drª Maria de Lourdes Zuquim, Vice Coordenação: Msc. Elizabeth Othon de Souza (NAPPLAC/FAUUSP). Pesquisadores: Prof. Dr. Reginaldo Ronconi, Prof. Dr. José Eduardo Baravelli e Eng.º Mecânico Fernando Palermo Simões (Laboratório de Culturas Construtivas CC/FAUUSP). Discentes (FAUUSP): Giovanna Strengari Nanci Fluminhan, Jefferson de Oliveira Santos, Leticia Macellari, Pedro Henrique Agnello Valenzuela, Vinícius Romano dos Santos.

6 Para saber mais sobre a bibliografia adotada no projeto ver ZUQUIM, et al., 2019.

7 Betto (2007).

Mergulhar na literatura Xavante<sup>1</sup>, nos seus livros, artigos, vídeos e fotos, somou-se a experiência de pisar no chão e caminhar pela mata sob o sol escaldante com os habitantes da Etenhiritipá. Ainda que curto em relação ao tempo, foram os momentos mais importantes no caminhar do projeto de extensão.

### **“A cabeça pensa a partir de onde os pés pisam”<sup>7</sup>**

Examinar os processos sociais particulares e seus correspondentes espaciais, relativos à produção e apropriação do espaço, é uma das questões que movimenta o grupo de pesquisadores do NAPPLAC. Nos últimos anos, algumas atividades de pesquisa e extensão percorreram caminhos entre as margens das cidades e os territórios rurais – quilombolas, caiçaras e indígenas. Este movimento nos aproximou do povo Xavante, desta vez às margens das margens até então não pisadas. O encontro entre a Universidade e Povo Xavante aconteceu com a expedição “Vivência Xavante”. Esta iniciativa partiu de uma ação cooperada entre a Associação Xavante de Etenhiritipá e Ambiental Expedições, estratégia adotada pelos Xavantes para protagonizar sua própria história, valorizar e divulgar sua cultura, preservar seu território e gerar renda para a comunidade.

Ao longo deste processo diversos sentimentos e indagações se movimentaram contraditoriamente. A vivência com o povo Xavante e seu território exigiu outros olhares e a tentativa de mobilizar outras categorias de interpretação deste grupo social – um grupo específico e singular, ao mesmo tempo diferente e igual (MARTINS, 1993), ou seja, nos exigiu um olhar ampliado e renovado sem deixar de lado o nosso lugar de arquiteto urbanista. A interação com o “outro” abriu espaços de transmissão de experiências nas formas inscritas no território, nas narrativas de suas histórias e tradições, ditas num outro tempo e num outro ritmo de fala e escuta, de contação de sonhos e de ausência de fala.

As principais, e mais intensas, interações foram com o Cacique Jurandir Siridiwê e Caimi Waiassé, diretor da escola. Jurandir Siridiwê contava lentamente a história da aldeia e do povo A’uwê Uptabi; nos seus relatos, seguia uma narrativa mesclada entre o cotidiano, mitos de origem e memória coletiva para voltar aos assuntos pertinentes à escola. As conversas se davam de pouco em pouco, em momentos inesperados e sem linearidade temporal, forma própria de comunicação do grupo.

As conversas partiam da vivência Xavante, do sentido que este encontro tinha para eles, do desejo de contar sua própria história como povo e como aldeia. A consciência de ser povo em transição cultural atravessava recorrentemente as conversas. Entrecortando as falas emergiram estratégias de resistência, entre elas, a de reescrever e contar sua própria história, a partir da memória coletiva, e confrontá-la com aquelas contadas nos livros escritos, que para eles não alcançam a história vivida dos seus ancestrais. Para eles, reescrever sua história é escrever o futuro, marcar sua existência e autodeterminação, em tempos de transição cultural, uma forma de se relacionar com o novo<sup>8</sup>. Segundo Wabuá Xavante, ancião A’uwê Uptabi: “Ninguém respeita aquilo que não conhece. Precisamos mostrar a força, a beleza da nossa cultura. Só assim, vão respeitar e admirar o que temos” (GOMES, 2018).

Por vezes, nas entrelinhas das conversas, ele trazia as expectativas que tinham conosco. Por sermos de uma Escola de Arquitetura e Urbanismo, o diálogo, vez ou outra,

8 Os Xavantes começaram a se fixar em aldeias pelos idos dos anos 1960. O lento processo de fixação territorial trouxe diversos problemas para as aldeias, especialmente os relacionados às áreas de saneamento, saúde, educação, além da pressão que sofrem sobre suas terras e recursos naturais.

caminhava para questões relativas à aldeia, falava dos desafios de saneamento, saúde, educação. Entre estas questões trazia-se novamente o tema da escola, que precisava de um novo espaço, já que a existente era precária, não oferecia espaços adequados e saudáveis para abrigar as atividades de ensino. Foi assim que entramos na aldeia Etenhiritipá e criamos os vínculos de confiança mútua, lentamente construídos desde o primeiro encontro.

*Eu chamei vocês porque lá atrás (a escola da aldeia) era só uma construção, cozinha, refeitório pro visitante, mas como aumentou o desejo agora o desafio é vocês. [...] Os alunos lá da USP poderiam estagiar aqui. Ajudando em biologia, geografia, história, para ensino médio, entre eles, para ensino fundamental, inserir em informática.* (Jurandir Siridiwê, depoimento recolhido em processo, 2018)

A escola centralizou nossas conversas, que alternavam e mesclavam entre os modos de vida e cultura, transitando entre o atual e o ancestral, passando pelas lutas pelos direitos dos povos indígenas, e voltava para a escola e a educação infantil como parte do ser da vida Xavante. Percebemos que a educação indígena e o seu modo de vida estão intrinsecamente conectados, e que eles não separam a educação escolar do território, do cerrado, da cultura e da casa; mais, se referem à escola como o segundo espaço da família: “Ressalta-se que na mentalidade xavante, a escola é importante, pois os próprios indígenas, reconhecem que não vivem mais isolados, sem contatos com não índios” (SOUZA; SILVA, 2017, p. 157).

Esta percepção iluminou as contradições entre a escola pública padrão que poderia chegar à aldeia e a escola dos sonhos desejada. A escola padrão não leva em consideração a educação específica indígena em seus aspectos pedagógicos, bem como espaciais. De forma geral, a cultura da administração pública não se volta para projetos arquitetônicos específicos da escola indígena; a proposta é sempre aquela da repetição de projeto padrão independente do grupo social que a receberá. Nas palavras de Caimi Waiassé: “E aí é batizado, protocolado, tem um nome que vem da secretaria da educação, e já no início queria colocar um padrão”. (depoimento recolhido em processo, 2018).

**Figura 2:** (i) Escola da Aldeia Etenhiritipá construída em 2006; (ii) Turma de ensino infantil em aula no espaço em frente a escola (2016). Fonte: Acervo NAPPLAC.



Jurandir Siridiwê e Caimi Waiassé apontaram a necessidade de um projeto inovador da sonhada escola que deve abrigar e materializar o programa pedagógico específico, contemplando o modo de vida do povo Xavante, sua diversidade e cultura num espaço construído diferenciado.

*Esse tipo estadual era pra ser construído aqui, e o Tio Paulo falou não, esse não é a maneira de ver o que é bom pra nós. E aí quando você for pra Canarana você poderia visitar a escola estadual padrão que é construído nos 143 municípios do estado do Mato Grosso. [...] Esse é o nosso dilema, basear numa escola diferencial, tudo que a sociedade almeja.* (Jurandir Siridiwê, depoimento recolhido em processo, 2018)

Para eles, não resta dúvida de que a educação indígena deve ser bilíngue/multilíngue, intercultural e comunitária e implementada na perspectiva sociocultural e sociolinguística de cada povo.

*(...) o ensino “copiado” da escola tradicional brasileira não é o mais adequado para a escola indígena. [...] Sua língua materna é chamada de aquém, a’uwen ou akwén, ainda é mantida e transmitida para as novas gerações. Atualmente, também usam a escola para essa vital retransmissão, visto que a escola é um grande meio de socializar.* (SOUZA; SILVA, 2017, p. 154; 159)

Recorrentemente nos lembravam que a educação e criação das crianças Xavantes é de responsabilidade de todos os indivíduos da Aldeia, que ela não se limita ao espaço escolar, mas concilia as disciplinas obrigatórias com o modo de vida tradicional, suas histórias, seus mitos, o território da Aldeia e o bioma Cerrado. Ficamos inquietos e fomos buscar na literatura e nos trabalhos de campo alguns elementos para compreender a relação entre a criança, a educação e a cultura Xavante. Veremos, a seguir, alguns elementos que nos orientaram na compreensão dos princípios de uma educação específica indígena e sua diferenciação, a Warazu<sup>9</sup>.

<sup>9</sup>Estrangeiro ou não-indígena, na língua Xavante.

A fase de aprendizado não é ditada pela idade da criança ou adolescente, mas sim pela maturidade e pelas ações que o indivíduo é capaz de desenvolver em um certo momento, respeitando o tempo de aprendizagem individual e único de cada uma das crianças, ou seja, outros ritos.

*Os Xavante não se preocupam em calcular a idade de seus filhos até que eles se tornem membros de uma classe de idade à qual pertencem. A partir daí o que importa são as suas idades relativas, ou seja, a classe de idade à qual pertencem. Na prática todo menino que aparenta ser bastante grande para estar como os membros da nova classe de idade e que se comporta de acordo pode ser incorporado a ela.* (MAYBURY- LEWIS, 1984 p. 155)

O PPP, Projeto Político Pedagógico da Escola Samuel Sahutuwê, nos deu os fundamentos para nos aproximarmos da criança, do ensino, da cultura e do território da Aldeia Etenhiritipá. O documento foi elaborado em 2018 pelo corpo de professores da Escola Samuel Sahutuwê, a partir das diretrizes do Fórum Tsihorirã A’uwê Uptabi<sup>10</sup>, momento de debate entre representantes das terras indígenas Xavante e profissionais de educação que definiu diretrizes para subsidiar a política de educação indígena do estado como um todo.

<sup>10</sup>O Fórum Tsihorirã A’uwê Uptabi, surgiu em decorrência de uma reunião ordinária do Conselho Estadual de Educação Escolar Indígena – CEEI, em setembro de 2015.

*Hoje não mais se discute se os índios têm ou não que ter escola, mas sim que tipo de escola.* (GRUPIONI, 2016)

Este documento também ofereceu alguns elementos para compreender como os A'uwê Uptabi pensam a escola. Destacamos os principais aspectos que norteiam o PPP: (i) valorizar a identidade étnica e cultural das crianças e jovens; (ii) constituir um sujeito conhecedor da cultura e da organização social A'uwe Uptabi e da cultura global; (iii) considerar que a educação A'uwê Uptabi é transmitida de forma assistemática, o conhecimento é transmitido oralmente pelas famílias; (iv) a escola é uma ferramenta para conhecer nossos direitos de lutar e conquistar nossos espaços; e, (v) a escola é um instrumento político, pois possibilita a ler e escrever analisar o mundo do povo caucasiano e indígena.

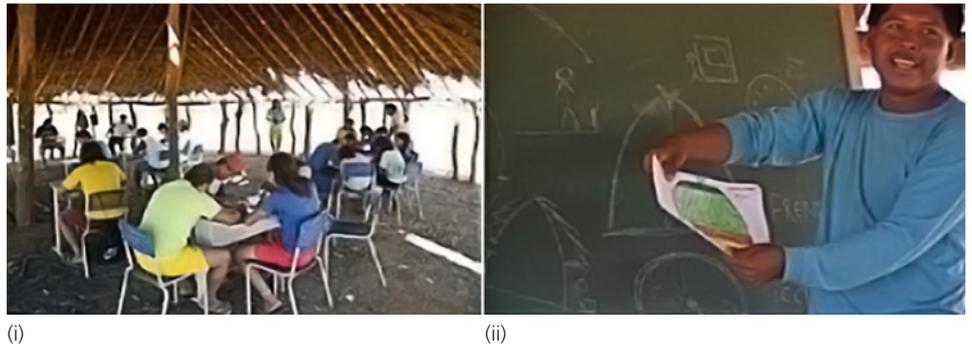
Esse documento nos provocou a seguinte questão: como deve ser a materialidade desta escola? Como deve ser seu espaço físico? Como organizar espacialmente o projeto político pedagógico da escola? Quais são os materiais mais adequados? Qual é o tipo de construção?

O PPP afirmou que a escola é o lugar de toda a comunidade; além das atividades pedagógicas das crianças e jovens, abriga reuniões comunitárias, atendimento médico e odontológico, entre outras atividades cotidianas. Nos últimos anos a escola também ganhou outra função, a de receber os visitantes nos períodos de férias escolares, por meio do turismo comunitário. Esta atividade foi adotada recentemente como estratégia para compartilhar a vida e conhecimentos com jovens e adultos "warazu" e gerar renda que ajude a melhorar a qualidade de vida da comunidade.

Outro apontamento sobre a escola é que ela deve responder materialmente e espacialmente, à estreita relação entre o Bioma Cerrado e o modo de vida Xavante, ou seja, uma orientação de um espaço "comum" que respeite o modo de vida Xavante no seu bioma:

*A escola da Wederã é redonda, é circular, e foi o primeiro embate que a gente teve com a política do Mato Grosso, porque as escolas são já feitas pra serem construídas no modelo único, e a nossa não, é circular. (...) Como esses conhecimentos que vocês têm na universidade, foi construído ao longo de um tempo, e o conhecimento daqui podem estar casando, pra que quando vocês forem embora a independência continua. A gente depende, inter-relaciona, mas quanto mais independente pra certas questões eu acho que é muito interessante.* (Severia Idioriê, Xavante e Karajá, professora da escola Samuel Sahutuwê, depoimento recolhido em processo, 2019)

Enfim, as vivências na Aldeia Etenhiritipá e a literatura mostraram que a Escola deve ser sonhada e projetada a partir da autodeterminação do povo A'uwê Uptabi. Esse caminhar conjunto nos despertou para pensar e sonhar com uma escola específica, tanto no aspecto pedagógico quanto no aspecto espacial e construtivo, com respeito ao modo de vida, as dinâmicas espaciais, as vontades e sonhos do povo Xavante sobre o futuro deste espaço importante para a sociedade da aldeia Etenhiritipá.



**Figura 3 (topo):** (i) Oficina “Escola dos Sonhos”; (ii) Professor apresenta seu desenho de escola dos sonhos. Fonte: Acervo NAPPLAC.

**Figura 4:** Desenho de José, 23 anos. Fonte: Acervo NAPPLAC.

### Caminhando nas margens e nos sonhos

Durante uma das vivências, sentamos em roda com os professores, lideranças, crianças e anciãos para desenhar e falar sobre a escola dos sonhos de cada um. Nas trocas de palavras, buscou-se compreender o que seria uma escola Xavante no imaginário dos participantes da oficina. A atividade seguiu de forma espontânea, guiada pelos professores, que organizaram as carteiras em círculo e distribuíram o material. Contribuímos com algumas questões norteadoras, traduzidas pelo professor Eurico Xavante. Lançamos algumas perguntas para quebrar o gelo: O que é uma criança Xavante? Como seria a escola por dentro? Quantas salas deve ter? Onde ficarão as salas? E o lugar de brincar? Como deveria ser o espaço da conversa, as sombras? E as salas dos professores? Como imagina a porta de entrada da escola? E como entra o sol e o vento? O material vai ser de palha, concreto, madeira, tijolo?

Cada um ia até a frente do quadro, se apresentava com nome e idade, explicava o desenho na língua Xavante, e os que eram bilíngues faziam um resumo em português para entendermos. No geral, as explicações em português eram mais resumidas, mas os desenhos e gestos complementavam a comunicação. As falas eram permeadas com brincadeiras e risadas do grupo, principalmente quando apareciam ideias mais diferentes e ousadas. Nem sempre entendemos o motivo das risadas, mas rimos juntos.

De maneira geral, a forma circular prevaleceu nos desenhos, um desejo de preservar a tradição ao relembrar o formato da casa original. Os símbolos dos clãs (Owawã e Poreza'õno) apareceram em algumas fachadas da escola, como forma simbólica de garantir a representatividade dos dois clãs. A escolha dos materiais levantou debates mais intensos, enquanto alguns optaram pelos materiais comprados fora como concreto, vidro e tijolos, outros falaram de sustentabilidade e uso de materiais locais, como a madeira.

A diferença geracional foi um ponto que nos chamou a atenção: percebemos que os mais jovens sugeriram tipologias e materiais comuns em construções de fora da aldeia, provavelmente referências das escolas em que estudaram em Canarana e outras cidades vizinhas, enquanto os mais velhos reforçam a forma circular da Ri, com variações que vão desde o formato da gravata cerimonial<sup>11</sup> até a Ri com dois andares que mistura materiais locais (adobe e palha de piaçava) com tecnologia (placa solar).

<sup>11</sup> O colar tsõrebdzu é um adorno cerimonial típico dos A'uwê Uptabi, feito com algodão branco arrematado por um nó na frente e uma pena na nuca.

Os desejos manifestados sobre a escola ilustraram a importância deste espaço para a reprodução social, desde a importância da forma circular, o respeito pela cultura e pelos ancestrais, como elementos fundamentais da escola a ser construída. As percepções e experiências dos professores, alunos e lideranças trouxeram elementos mais sutis para compor a escola sonhada. Compreendemos como o espaço escolar se estende para além do espaço construído e se espraia para o território da aldeia, para os lugares de coleta, de pesca, de caça. Segundo Caimi: “Precisa sair, conhecer o território, conhecer o rio” (depoimento recolhido em processo, 2018).

As crianças têm aula na mata, no rio, no Warã, e circulam pelo Cerrado, onde aprendem a dinâmica de sobrevivência no bioma e no mundo dos Warazu. A educação é, acima de tudo, um elemento fundamental para a manutenção da cultura e reprodução social Xavante, onde se pode construir o futuro a partir da sabedoria ancestral.

## A escola sonhada

Seguimos a ideia de “comunicação” como base para o pensamento conjunto sobre um objeto, neste caso a escola. Este posicionamento parte da “comunicação e intercomunicação dos sujeitos pensantes a propósito do pensado, e nunca através da extensão do pensado de um sujeito até o outro” (FREIRE, 2015, p. 87). Procuramos construir um “quadro comum” de significados entre os sujeitos que estariam pensando juntos.

Os estudos de referência projetual e a análise dos registros das vivências seguiram por diferentes escalas de compreensão, desde questões pedagógicas e didáticas até o dimensionamento das atividades escolares, processos construtivos e materiais, manutenção do espaço construído e implantação e condições climáticas, sempre à luz do modo de vida e cultura próprio.

O programa dimensional partiu das dimensões da casa tradicional Xavante. Para eles, a escola é uma casa com função específica. Seguimos a espacialidade da aldeia pelo gabarito de altura imitado aos das casas – 4 metros de altura – para não avançar sobre a paisagem. Na literatura<sup>12</sup> encontramos os elementos para validar o que foi visto na Aldeia: a Ri, com diâmetro de 7m e cobertura em forma ogival com altura do eixo central de 4,5 metros.

<sup>12</sup> Portocarrero (2010); Silva (1992).

Confrontamos as orientações de espaços escolares de educação infantil contidas no PPP da EEIEB Samuel Sahutuwêe e nas da Fundação para o Desenvolvimento da Educação – FDE. Cabe ressaltar que as orientações dadas pela FDE foram utilizadas criticamente, visto que os padrões espaciais estão orientados de forma homogênea do ambiente urbano.

Os trabalhos de campo nos mostraram peculiaridades da espacialidade Xavante. Como exemplo, a organização de cuidados mostra que os irmãos mais novos, fora de idade escolar, costumam acompanhar os mais velhos; portanto ao quantificar os lugares de estudo em uma sala de aula, deve-se prever que sempre terá mais crianças por perto que não são “da turma”.

Pensar nos espaços para sala de professores e diretoria é pensar no uso dos espaços e não no organograma do quadro de funcionários. A hierarquia pode existir no papel e nos trâmites administrativos, mas na escola as relações são colegiadas, não há uma figura centralizadora que decide tudo, bem como não há a necessidade de espaços segregados por hierarquia. Caimi Waiassé comentou que quando ele precisa de um lugar mais silencioso e iluminado para estudar, costuma usar a “casinha do mel”, um pequeno cômodo que foi construído para ser apoio de atividades de apicultura, não realizadas atualmente.

Chegamos à forma: uma casca modular de 10m por 10m, com altura de 4m no eixo central, dimensões que se aproximam da escala da casa tradicional Xavante. Essa casca abriga espaços que podem ser modificados internamente de acordo com a necessidade, como, por exemplo, divisórias leves com materiais e formas de fazer deles – a palha de piaçava e trançados com buriti.

**Figura 5:** Conhecendo a casa tradicional Xavante. Fonte: Arquivo NAPPLAC.





Os estudos das condições bioclimáticas buscaram compreender as dinâmicas do cerrado e suas duas estações: a seca e as chuvas. Na época da seca, durante o dia, as temperaturas são muito altas e a umidade é baixa; à noite vem o frio, e às vezes tempestades de areia. A época das chuvas muda a cada ano que passa, se intensifica em períodos mais concentrados no tempo, com mais intensidade e mais fortes. Na casa tradicional, o conforto térmico se dá pela construção com palha, o pé direito alto e vedos que permitem aberturas eventuais, contribuindo para o conforto térmico interno.<sup>14</sup>

<sup>14</sup>Para ampliar o repertório buscamos referências na obra de Severiano Porto (2016), tanto no uso dos materiais e nas estratégias de conforto adequadas ao clima brasileiro, neste caso para o bioma amazônico.

<sup>15</sup>As obras de Eládio Dieste alimentaram este percurso, tanto pelo uso da cerâmica armada em diferentes tipologias construtivas, como as abóbadas de dupla curvatura, abóbadas autoportantes uso da cerâmica armada em formas curvas (Cf. LINO, 2018).

<sup>16</sup>A proposta da abóbada se beneficia da experiência acumulada desde os anos 1960 pelo grupo Arquitetura Nova e o arquiteto Joan Villà na construção de equipamentos e moradia popular. (POMPÉIA, 2006).

A escolha dos materiais foi determinada pelo que as prefeituras locais teriam como possibilidade e disponibilidade para o projeto, lançando a ideia para futuras parcerias e doação dos materiais. Desta forma, os materiais escolhidos foram cimento, aço e blocos cerâmicos – materiais utilizados em larga escala no Brasil. Definido os materiais ficou a pergunta, qual o sistema construtivo possível para romper ciclo da tipologia da escola padrão? Apesar de contraditório o uso destes materiais, tão distante da cultura Xavante, seu uso possibilitaria explorar recursos formais e estruturais, dialógicos com as formas tradicionais, também responder ao problema da durabilidade tão almejada por eles<sup>15</sup>.

Definimos a cerâmica armada pela possibilidade de uso dos blocos cerâmicos em formas pouco convencionais<sup>16</sup>, e por permitir a participação de mão de obra local e por compatibilizar com esquadrias de madeira e divisórias e vedos de palha trançada.

Em uma das visitas de Jurandir Siridivê à FAUUSP discutimos esta proposta. Para que ele pudesse visualizar esta ideia, fomos até o canteiro-experimental da FAUUSP. Chegando ao LCC e ao canteiro experimental, Jurandir ficou inquieto com a paisagem repleta de torres, cúpulas e peças experimentadas. Ali, Jurandir conheceu uma edificação construída com tijolo e cimento de um jeito diferente. A abóbada de cerâmica armada do LCC logo foi associada por ele à amplitude da Ri, e imaginamos como seria uma sala de aula construída da mesma forma, arejada e ampla.

**Figura 7:** Registros da visita de Jurandir Siridivê ao NAPPLAC e LCC da FAUUSP em 2019. Fonte: Acervo NAPPLAC.



Para a implantação, usamos a imagem de satélite Google Earth (escala 1:100), consideramos as pré-existências, a escola atual, os caminhos para o rio e roças e suas conexões, o Warã, as casas e, principalmente, a localização da atual escola na aldeia para reafirmar sua centralidade

*A escola faz parte da aldeia, não é coisa isolada. [...] Então que ela não seja uma coisa distante da cultura, que seja integrada na aldeia, faz parte das casas. A gente tava achando melhor assim, ela fazendo parte da nossa aldeia, então todos vão se responsabilizar de seus filhos, seus netos, sejam conduzidos pra outro espaço de educação.* (Caimi Waiassé, depoimento colhido em processo, 2019)

### Entrando na tridimensionalidade: experimentado os ensaios

A partir destes estudos, seguimos para a elaboração de instrumental para as oficinas de devolutiva na aldeia. Até então, trabalhávamos sobre textos, croquis, desenhos e esquemas gráficos no limite do papel, mas faltava algo para entendermos os volumes, formas e comportamento das estruturas. Demos um passo além e iniciamos os testes de feitura de maquetes no LCC utilizando as ferramentas de parametria e corte a laser.

Adotamos a “curva catenária” para a abóbada de cerâmica armada. Definimos a altura de 4 metros para a abóbada-casca dos módulos construtivos. Traçamos a catenária base no software Rhino e as volumetizamos<sup>17</sup> para começar a entender a relação ergonômica do corpo, dos usos e do espaço construído, auxiliada por bonecos em escala humana.

<sup>17</sup> Confeccionamos as maquetes iniciais e bonecos em escala humana em papel couro e papel kraft.

**Figura 8:** (i,ii e iii) Experimentos com maquetes de representação das abóbadas catenárias e escala humana utilizando diferentes materiais; (iv) Maquetes desmontáveis executadas com corte a laser em MDF. Acervo NAPPLAC.



Esta experimentação com diferentes materiais resultou em um instrumental para a realização das oficinas devolutivas. Fizemos dois tipos de maquetes desmontáveis do módulo construtivo inicial, na escala 1:100 para os estudos de implantação, e escala 1:25 para estudos de layout e mobiliário. Construímos as maquetes em MDF com peças cortadas a laser, com encaixes que permitiram flexibilidade dimensional e facilitaram o transporte até a aldeia.

Sonhamos com a construção de um modelo de cerâmica armada em escala 1:1, para pensar no canteiro de obras e entender o comportamento da estrutura. O desafio de fazê-lo na aldeia exigiria logística de que não dispúnhamos; veio então a ideia de fazer uma oficina de canteiro experimental no meio do caminho, na UFMT.

## **Uma parada no meio do caminho: Universidade Federal de Mato Grosso**

A distância entre a FAUUSP e a aldeia Etenhiritipá é de quase 1.600 quilômetros, o trajeto entre um local e outro podendo levar até 48 horas. De São Paulo a Goiânia ou Cuiabá, o trajeto leva três horas de avião, depois mais dez horas de ônibus até Canarana, pequena cidade no Vale do Araguaia. De Canarana até a aldeia Etenhiritipá, mais três horas de estrada e 100 quilômetros até alcançar T.I. Pimentel Barbosa. Uma logística complexa e custosa, que nos demandou muita criatividade para conseguir que todo grupo chegasse até a aldeia.

Nossa jornada para a aldeia se iniciou por Cuiabá, na Escola de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). A parada na UFMT tinha três motivações: a primeira, era casa do grupo de pesquisa TecnoÍndia, que há mais de duas décadas trabalha com a arquitetura indígena em Mato Grosso; lá poderíamos dialogar com os professores José Afonso Botura Portocarrero, a antropóloga Maria Fátima Roberto Machado e Dorcas Araújo, atual coordenadora do TecnoÍndia; a segunda razão era articular estratégias conjuntas para o projeto. Por fim, a parada foi motivada pelo desejo pessoal de uma das pesquisadoras do grupo, egressa da UFMT, de ampliar a interlocução sobre o habitat indígena e processos participativos com os estudantes de onde se formou.

As conversas com estes grupos de pesquisa se iniciaram meses antes deste encontro. Uma das propostas iniciais era a de realizar uma oficina de canteiro experimental com a técnica de cerâmica armada; logo os cuiabanos a ampliaram para realizarmos e debates sobre a questão indígena e nosso projeto em curso. Os dois eventos foram realizados nesse período.

O “Seminário Diálogos IV – Intercâmbios culturais: Arquitetura e Culturas Construtivas” se abriu para a comunidade acadêmica da UFMT. Apresentamos as propostas para professores, alunos, educadores e arquitetos indígenas pós-graduandos da UFMT. O evento mostrou a potência da extensão universitária e, a partir da escola da Etenhiritipá, dialogamos e debatemos. Fomos para além do projeto e entramos nas questões do ensino de AU e do preparo dos estudantes para atuar com povos culturalmente diferenciados, como os indígenas. Destes diálogos importantes contribuições para o projeto vieram à tona.



**Figura 9:** Oficina de canteiro experimental realizada na UFMT.  
Fonte: Acervo NAPPLAC.

Na “oficina de canteiro experimental” pusemos a mão na massa. A oficina foi planejada e organizada pelo LCC-FAUUSP e orientada pelo professor José Baravelli. Erguemos uma abóbada em “curva catenária” em um pátio da Faculdade de Arquitetura, Engenharia e Tecnologia (FAET) da UFMT, junto com estudantes de arquitetura e urbanismo e de engenharia. Testamos o modelo construtivo proposto para a escola e ao mesmo tempo provocamos a criação de um canteiro experimental na UFMT.

Foi uma feliz convergência de forças. Um pedreiro da UFMT, servidores do laboratório de materiais da engenharia civil, pesquisadores do Laboratório de Tecnologia e Conforto Ambiental (Lateca), alunos e professores da FAUUSP, alunos da Arquitetura e Engenharia da UFMT, este último no âmbito da disciplina “Materiais e técnicas construtivas”, todos se encontraram, se integraram e congratularam durante três dias na construção da abóbada.

As duas abóbadas, pensadas para a aldeia e a construída na UFMT tinham semelhanças e diferenças sutis, à primeira vista. O professor Baravelli destaca estas semelhanças:

*Parecidas na origem, na geometria e função hiperbólica e construídas com os materiais presentes na urbanização precária brasileira: blocos cerâmicos vazados unidos por argamassa de cimento, com reforço de barras de aço usuais em estribos de armaduras de concreto. (BARAVELLI, 2019)*

As diferenças aparecem no contraste visual das medidas reais. A abóbada da UFMT tem três metros de altura e dois de largura; a projetada para aldeia Etenhiritipá tem quatro metros de altura e dez de largura. Embora esta diferença não seja significativa para a equação matemática, ela é para os diferentes grupos envolvidos.

Para os Xavante a resultante formal da catenária de cerâmica armada é parte de um sonho de uma escola sonhado por muitos. Para os estudantes uma experiência inédita, pois foi a primeira vez que entram em contato com os materiais, ferramentas e relações que até então só conheciam de livros ou visitas distantes a canteiros de obras convencionais. Por alguns dias reduzimos o distanciamento entre o trabalho intelectual e o trabalho manual.

Futuros profissionais de arquitetura e urbanismo puderam ver de perto o que estavam estudando sobre os materiais de construção, tocar nos materiais que viam nas fotos dos livros, olhar com os próprios olhos a força da gravidade atuando e colocando a pequena edificação de pé. Entre tijolos, baldes e argamassa os laços afetivos e acadêmicos entre estudantes paulistanos e cuiabanos se intensificaram. A catenária foi construída em meio a discussões, risadas, paradas para um refresco e tomando forma junto a outro sonho antigo: espalhar canteiros experimentais pelas escolas de arquitetura e urbanismo do Brasil.

## **A escola território e o território escola**

De Cuiabá seguimos para Canarana. Lá vimos as ruas repletas de caminhões de grãos, diversos grupos de indígenas Xinguanos e Xavantes circulando pela cidade, porta de entrada para o Parque Nacional do Xingu. Na rodoviária, nossos anfitriões Xavante nos esperavam para nos levar à aldeia, na boleia de uma caminhonete junto com as malas e alimentos. O clima de aventura e ansiedade inquietava professores e alunos, os olhares e conversas se entrecortavam entre risadas enquanto contemplavam as paisagens do Cerrado. Na estrada, o horizonte monótono dos grandes campos de soja e milho contrastava com grandes massas de árvores retorcidas e empoeiradas da margem oposta. A paisagem só começa a mudar quando nos aproximamos da Terra Indígena Pimentel Barbosa.

Depois de horas adentro do cerrado preservado, adentrando a Terra Indígena Pimentel Barbosa pela estrada de terra e chegamos à aldeia Etenhiritipá, preparados para a oficina devolutiva e portando um arsenal arquitetônico: maquetes desmontáveis em diferentes escalas, mapas com imagens de satélite na escala da Aldeia e da escola, slides dos ensaios projetuais e construtivos, projetor, gravadores e câmeras fotográficas.

Ao pisar no chão da aldeia, nos demos conta de quanto tudo era diferente. Olhávamos deslumbrados para a imensidão do pátio central de terra batida – lugar do Warã, conversas, futebol e brincadeiras – e para as casas organizadas em semicírculo ao redor do pátio, que se voltava para o rio.

Ao chegar na escola, uma surpresa: a antiga escola de esteios de madeira e palha de buriti, que conhecíamos das outras vivências, tinha desmoronado, e em seu lugar outra fora construída. Após a queda da antiga escola, a prefeitura de Canarana forneceu material e mão de obra para a construção emergencial desta nova escola. A edificação

era diferente de tudo ao redor. Embora contasse com uma forma circular, que remete às casas tradicionais, com pilares de madeira rústicos e cobertura de trançado de palha feito pelas mulheres, ela materializava o enorme desrespeito do trato público com as comunidades indígenas, quer pela alvenaria sem acabamento, pelas instalações elétricas e hidráulicas, visivelmente improvisadas, ou pela sua altura, muito além das casas.

Nos alojamos em três salas de aula, penduramos nossas redes entre desenhos e escritos em A'uwê e português. No espaço central criamos nosso ambiente de trabalho. No fim do dia, as mulheres vinham nos levar para o banho no rio e indicavam o trajeto do banho dos homens.

Ao cair da noite, seguimos para o Warã, para o rito de apresentação. Fomos recebidos pelo ancião e outras lideranças em meio aos cantos Xavantes. Sentados em roda no centro do pátio sem iluminação, recebemos as boas-vindas traduzidas para o Português por Paulo Xavante. Fomos orientados a sonhar para as atividades do dia seguinte.

Ao amanhecer os membros da comunidade foram chegando pouco a pouco na escola. Como a maioria deles falava apenas a língua Xavante, Caimi Waiassé e Severiá Idioriê, professora da escola, se alternavam na tradução resumida para o português. Os desenhos, as maquetes e a cartografia logo se configuraram como instrumento de diálogo e cumpriram o papel de tradução.

Os homens ficaram dentro da escola, as mulheres espiando do lado de fora. Um por vez, manipulavam as maquetes e as movimentavam sobre a cartografia. Logo percebemos que eles tomavam para si a proposta, usavam as representações tridimensionais e gráficas para organizar a implantação da escola (escala 1:100). Não paravam de falar entre si e todos ao mesmo tempo, tudo em idioma Xavante e em meio a muitas risadas. Tentamos ler os seus gestos ao mesmo tempo em que ouvíamos as curtas traduções. O grupo das mulheres mexia na maquete da edificação (escala 1:25), Severiá as incentivava a distribuir os blocos de mobiliário nos módulos. Elas organizaram os blocos de diversas formas – os ambientes e o mobiliário. Parecia uma brincadeira, todas falavam e se escutavam ao mesmo tempo.

A certa altura, o ancião se pôs a observar uma representação humana, e todos ficaram em silêncio, na expectativa do que ele diria. Ele riu, e deu à figura o nome de “guerreiro protetor”. Todos riram juntos. Uma liderança associou o formato da gravata dos guerreiros A'uwê à curvatura da catenária, e colocou ritualisticamente sua gravata em cima da maquete. De novo todos aplaudiram em concordância e riram.

Os membros da comunidade se apropriaram muito rapidamente do instrumental técnico, usando-o para dialogar e comunicar. Em paralelo, nós ficamos mediando, capturando e registrando as trocas de saberes. Permanecemos espectadores, e eles donos do instrumental técnico, projetando sobre a cartografia “a escola dos sonhos”. Neste momento, literalmente nossos sonhos se encontraram.

A escola e o território da aldeia eram uma coisa única, pois sobre este instrumental eles lançaram várias perguntas: para onde a aldeia deveria crescer? Onde seria construída a próxima casa? Onde deveria ficar a escola? Por vezes os líderes saíam, desenhavam no chão e voltavam para registrar no mapa. Da mesma forma que os Xavante valorizam



**Figura 10:** Oficina de projeto coletivo na aldeia. Fonte: Acervo NAPPLAC.

<sup>18</sup>BARAVELLI, 2019.

o ato de sonhar e orientam o planejamento das caçadas pela projeção do que será concretizado,<sup>18</sup> as maquetes e cartografia funcionaram como uma antecipação do edifício da escola, como maquetes-sonho. Desta forma, chegamos à implantação da escola e definições formais e estruturais dos blocos.

Na hora de ir embora, sentamos em roda pela última vez para planejar os próximos passos do projeto.

## Referências bibliográficas

- BARAVELLI, J. E. "Passagens entre a mente e a matéria", in: ZUQUIM, Maria de Lourdes *et al. Espaços de brincar, de aprender e de ensinar: Uma Escola Xavante na Aldeia Etenhiritipá: Caderno de ensaios do projeto de cultura e extensão universitária.* São Paulo, 2019. 83 p. No Prelo.
- BETTO, Frei. *Elogio da conscientização.* ALAI, América Latina em Movimento, 9 fev. /2007. Disponível em: <<https://www.alainet.org/es/node/119225>>. Acesso em: 17/03/2021
- CADERNOS do PROARQ, Rio de Janeiro, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Programa de Pós-Graduação em Arquitetura – Ano 1 (1997) n. 26, julho 2016.
- FREIRE, Paulo. *Extensão ou Comunicação?* 17. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2015. 127 p.
- GOMES, Tania Valeria. Tribo Xavante abre sua aldeia para visitantes interessados em aprender sobre a cultura indígena. *O Estado de São Paulo.* São Paulo, 13 jun. 2018. Viagem, p. 1-2. Disponível em: <https://viagem.estadao.com.br/noticias/geral,tribo-xavante-abre-sua-aldeia-para-visitantes-interessados-em-aprender-sobre-a-cultura-indigena,70002348000>. Acesso em: 20 mar. 2020.
- GRUPIONI, Luís Donisete Benzi. *A educação escolar indígena no Brasil.* Povos Indígenas no Brasil - Instituto Socioambiental, [S. l.], p. 1-10, 1 jan. 2016. Disponível em: [https://pib.socioambiental.org/pt/A\\_educa%C3%A7%C3%A3o\\_escolar\\_ind%C3%ADgena\\_no\\_Brasil](https://pib.socioambiental.org/pt/A_educa%C3%A7%C3%A3o_escolar_ind%C3%ADgena_no_Brasil). Acesso em: 30 out. 2019. GRUPIONI, Luís Donisete Benzi. *A educação escolar indígena no Brasil.* Povos Indígenas no Brasil - Instituto Socioambiental, [S. l.], p. 1-10, 1 jan. 2016. Disponível em: [https://pib.socioambiental.org/pt/A\\_educa%C3%A7%C3%A3o\\_escolar\\_ind%C3%ADgena\\_no\\_Brasil](https://pib.socioambiental.org/pt/A_educa%C3%A7%C3%A3o_escolar_ind%C3%ADgena_no_Brasil). Acesso em: 30 out. 2019.
- KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo.* São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- LINO, S. F. *A obra de Eládio Dieste: flexibilidade e autonomia na produção arquitetônica.* São Paulo: 2008. Disponível em: <<https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/08.096/142>>.
- MARTINS, José de Souza. *A chegada do estranho.* São Paulo: Editora Hucitec, 1993.
- MAYBURY-LEWIS, David. *A Sociedade Xavante (Akwe shavante society, 1967).* Tradução: Aracy Lopes da Silva. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1984. [1967].
- POMPÉIA, R.A. *Os Laboratórios de Habitação no ensino da arquitetura: uma contribuição ao processo de formação do arquiteto.* Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.
- PORTOCARRERO, J. A. B. *Tecnologia indígena em Mato Grosso: habitação.* Cuiabá Entrelinhas, 2010. ISBN 857992006X.
- SECAD, C. *Educação Escolar Indígena: diversidade sociocultural indígena ressignificando a escola.* Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. Brasília, 2007.

SILVA, Aracy Lopes da. Dois séculos e meio de história Xavante. In: CUNHA, Manuela Carneiro da. *História dos Índios no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, Secretaria Municipal de Cultura, Fapesp, 1992.

SOUZA, V. F. D.; SILVA, P. R. D. A valorização da cultura Xavante na educação escolar de crianças indígenas na aldeia de São Marcos. *Revista Eletrônica Interdisciplinar: Univar*. V. 2 N. 18: 9 p. 2017.

WELCH, J. R. et al. *Na primeira margem do rio: território e ecologia do povo Xavante de Wedezé*. Rio de Janeiro: Museu do Índio-FUNAI, 2013.

ZUQUIM, Maria de Lourdes et al. *Espaços de brincar, de aprender e de ensinar: Uma Escola Xavante na Aldeia Etenhiritipá*. Caderno de ensaios do projeto de cultura e extensão universitária. São Paulo, 2019. 83 p. No Prelo.

## Referências audiovisuais

**Recebido** [Out. 31, 2022]

**Aprovado** [Nov. 02, 2023]

FAUUSP. Espaços de Brincar, Aprender e Ensinar: Uma Escola Xavante. Youtube, 04/03/2020. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=4nZTZM2r8IM>>. Acesso em: 23/04/2021.